



A PRESCRIÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO EM MINAS GERAIS A PARTIR DA REFORMA DA INSTRUÇÃO PÚBLICA EM 1906 E SUA APROPRIAÇÃO NO GRUPO ESCOLAR DE LAVRAS - MG

Jardel Costa Costa Pereira¹

Jefferson Moreira²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar as estratégias políticas e os métodos construídos para a alfabetização a partir da Reforma Educacional instituída pelo governador João Pinheiro, com a instalação dos Grupos Escolares. Objetiva, também, apresentar como o programa de alfabetização se efetivou no terceiro Grupo Escolar da cidade de Lavras - MG, onde teve a atuação de Firmino da Costa Pereira, um expoente para a História da Educação nacional. Para a efetivação deste trabalho foram realizadas pesquisas no Arquivo Público Mineiro de Belo Horizonte e no Museu Bi Moreira, em terras lavrenses. É possível concluir que toda uma materialidade específica para a alfabetização foi inaugurada a partir da construção dos Grupos Escolares, com o intuito de civilizar e modernizar o país. A apropriação do modelo oficial de alfabetização prescrito teve alterações específicas que foram além do normativo, pois o diretor do Grupo Escolar de Lavras, Firmino Costa, soube imprimir um caráter singular à estruturação da alfabetização em terras mineiras, que teve repercussão nacional.

Palavras-chaves: Alfabetização. Minas Gerais. Reforma João Pinheiro.

THE CREATION OF A LITERACY LEARNING MODEL IN *MINAS GERAIS* FROM THE REFORM TO THE PUBLIC INSTRUCTION IN 1906 AND ITS IMPLEMENTATION TO THE SCHOOL GROUP OF *LAVRAS - MG*.

ABSTRACT

This paper aims at presenting the political strategies and the methods created for literacy learning by the educational reform implemented by Governor João Pinheiro, upon the installation of School Groups. It also aims at explaining how the literacy learning program became effective at the third School Group of *Lavras, Minas Gerais*, under the intervention of Firmino Costa Pereira, a remarkable name for the History of Brazilian Education. To carry out this work, we did a survey at the Public Archives of *Belo Horizonte (Minas Gerais)* and at *Museu Bi Moreira*, in *Lavras, Minas Gerais*. It is possible to observe that a whole new and specific material was developed for literacy learning with

¹ Possui graduação em Filosofia com habilitação em História pelo Centro Universitário de Lavras - UNILAVRAS; Graduação em Pedagogia pela Faculdade Geremário Dantas - SFNSC; especialização em Filosofia Moderna e Contemporânea no Brasil pela Universidade Federal de São João Del Rei - UFSJ; mestrado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG e doutorado em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho- UNESP. Vem desenvolvendo pesquisas nas seguintes áreas: Instituições Escolares, Filosofia e Práticas Pedagógicas; História da Educação Brasileira (séculos XIX e XX); Cultura Escolar; Educação; Educação, gênero e formação de professores; Aprendizagem, pensamento filosófico e atuação dos Intelectuais da Educação. Realizou o doutorado-sanduíche com o fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) na Universidade Loyola de Chicago USA, sob a co-orientação do Professor Dr. Noah Sob. É membro fundador do Grupo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas de História e Educação (GIEPHE) da Universidade Federal de Lavras (UFLA), membro do Grupo de Pesquisa em História da Educação (GEPHE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e é também pesquisador da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG). Atua como professor universitário na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Campus Poços de Caldas MG. E-mail: <jardelcostper@gmail.com>

² Graduando em Filosofia na Universidade Federal de Lavras (UFLA), na modalidade de licenciatura. E-mail: <jeffcostmoreira@gmail.com>



the creation of School Groups, in order to bring modernity and civilization to the country. The adoption of an official literacy learning model had specific amendments that went beyond the norm, because the principal of the School Group of *Lavras*, *Firmino Costa*, was able to bring uniqueness to the structure of literacy learning in *Minas Gerais*, which caused great national impact.

Keywords: Literacy Learning. Minas Gerais. Reforma João Pinheiro.

LA PRESCRIPCIÓN DE LA ALFABETIZACIÓN EN MINAS GERAIS PARTIENDO DE LA REFORMA DE LA INSTRUCCIÓN PÚBLICA EN 1906 Y SU APROPIACIÓN EN EL GRUPO ESCOLAR DE LAVRAS - MG

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar las estrategias políticas y los métodos construidos para alfabetización, partiendo de la Reforma educativa instituida por el gobernador João Pinheiro, con la instalación de los Grupos Escolares. Se busca también presentar cómo el programa de alfabetización se ha efectuado en el tercer Grupo Escolar de la ciudad de *Lavras* - MG, donde tuvo la actuación de Firmino da Costa Pereira, un exponente para la Historia de la Educación nacional. Para la efectividad de ese trabajo fueron realizadas investigaciones en el Archivo *Público Mineiro de Belo Horizonte* y en el Museo *Bi Moreira*, en la ciudad de *Lavras*. Es posible concluir que toda una materialidad específica para la alfabetización fue inaugurada desde la construcción de los Grupos Escolares, con el propósito de civilizar y modernizar el país. La apropiación del modelo oficial de alfabetización prescrito tuvo cambios específicos, que fueron más allá de lo normativo, pues el director del *Grupo Escolar de Lavras*, Firmino Costa, supo poner un carácter singular a la estructuración de la alfabetización en tierras mineras, que tuvo repercusión nacional.

Palabras-clave: Alfabetización. Minas Gerais. Reforma João Pinheiro.

Introdução

No ano de 1906, João Pinheiro da Silva assumiu o cargo de presidente do Estado de Minas Gerais, tendo nomeado Manoel Tomás Carvalho de Brito, titular da Secretaria do Interior, responsável pela instrução pública.

Atentas à precariedade da Instrução Pública primária que ainda persistia nas *Escolas Isoladas*, em razão dos baixos investimentos, as autoridades percebiam a necessidade de transformação de um povo ignorante e sem cultura em instruídos e civilizados, garantia consequente do progresso da nação republicana. Somada a esses fatores encontrava-se, ainda, a existência de um movimento que vinha exigindo reformas no sistema educacional desde a proclamação da República, em 1889, o que fez com que esse governo colocasse em marcha a reforma do ensino primário. Com a Lei n. 439, de 28 de setembro de 1906 (MINAS GERAES, 1906a), que autorizava a reformar o ensino e fixava as diretrizes genéricas, permitiu-

se que se baixassem decretos que regulamentassem as mudanças na instrução primária. O Decreto n. 1.947, de 30 de setembro de 1906 (MINAS GERAES, 1906b), aprovou o novo programa do ensino primário, e o Decreto n. 1.960, de 16 de dezembro de 1906 (MINAS GERAES, 1906c), aprovou outro regulamento para a instrução primária e normal de Minas Gerais. A principal novidade trazida por essa Reforma foi a instituição dos grupos escolares como nova forma de organização do ensino primário. Em 11 de novembro daquele ano, instalou-se o primeiro Grupo Escolar de Minas, em Belo Horizonte, formado a partir da agregação das escolas isoladas.

O novo programa prescrito para os Grupos Escolares do Estado de Minas Gerais (MINAS GERAES, 1906b) incluía Leitura, Escrita, Língua Pátria, Aritmética, Geografia e História do Brasil, Instrução Moral e Cívica, História Natural, Física e Higiene, Trabalhos Manuais, Exercícios Físicos e Música Vocal. O programa era dividido entre quatro séries (ou anos) e as disciplinas ou matérias eram distribuídas por semestre. Iniciou, também, a execução do Programa do Ensino Público Primário que adotou os métodos intuitivo e simultâneo com ensino concêntrico, também a produção de materiais pedagógicos específicos para o ensino primário, como os livros didáticos.

No ano de 1906, Lavras passou a fazer parte de um grupo de sete cidades mineiras que, na época, possuíam ginásio, Escola Normal e Grupo Escolar: Belo Horizonte, Juiz de Fora, Barbacena, Diamantina, São João Del Rei e Leopoldina.

O Grupo Escolar de Lavras foi inaugurado aos 13 de maio de 1907, tendo como diretor Firmino da Costa Pereira. Devido ao seu autodidatismo, a sua influência social e aos parentes políticos e influentes, como Francisco Salles e Pedro Salles, Firmino foi escolhido para ser o primeiro diretor do Grupo Escolar de Lavras¹.

Esse artigo tem, também, como objetivo, analisar o estabelecimento da cultura do livro didático como instrumento alfabetizador, a partir da instalação do Grupo Escolar de Lavras, tendo como foco a relação de seu diretor Firmino Costa com essa materialidade, um expoente importante da Língua Portuguesa expressa na leitura e na escrita, nas primeiras décadas do século XX.

Os livros didáticos foram aprovados pelo Conselho Superior de Instrução e a lista foi publicada na primeira edição do periódico *Vida Escolar*, de 1º de maio de 1907, dividida da seguinte forma:

Quadro 1 - Distribuição de livros didáticos por séries, conteúdos e autores no ano de 1907

Turma	Nome do Livro	Autor	Semestre a ser utilizado
1º ANO	<i>Cartilha Nacional</i>	Hilário Ribeiro	Primeiro semestre
	<i>Novo Segundo Livro de Leitura</i>	Hilário Ribeiro	Segundo semestre
2º ANO	<i>Segundo Livro de Leitura</i>	Maria Guilhermina	Primeiro semestre
	<i>Amiguinho de Nhonhô</i>	Menezes Vieira	Segundo semestre
3º ANO	<i>Festas Nacionaes</i>	Rodrigo Octavio	Primeiro semestre
	<i>Historia do Brazil (pequena)</i>	João Ribeiro	Primeiro semestre
	<i>Livro de Leitura</i>	Bilac e Bomfim	Segundo semestre
4º ANO	Os mesmos livros do ano anterior, nos dois semestres. Livros e outras publicações variadas, em prosa e verso, a escolha do professor, no segundo semestre.		

Fonte: VIDA ESCOLAR (p. 2, 1º maio 1907).

No segundo semestre foi incluído o livro *Primeira Leitura*, escrito por Arthur Jovianoⁱⁱ, uma produção totalmente mineira, que veio substituir uma paulista, o *Segundo Livro de Leitura*, de Maria Guilhermina. Firmino Costa comentou sobre o que representou esta inclusão, apresentando a ajuda de Joviano à reforma de ensino:

Prosseguindo em seu patriótico labor de tornar uma realidade a reforma do ensino elementar, acaba agora o sr. Joviano de dar a publico, como titulo *Primeira Leitura*, um methodo para ensinar a ler, organizado de accordo com o programma de instrucção primaria. O emerito educador offereceu ao Governo Estadual a primeira edição de seu trabalho para ser impresso e distribuido gratuitamente pelas escolas, o que põe ainda mais em relevo o seu amor á terra mineira (VIDA ESCOLAR, p. 2, 1º jan. 1908).

Para a aplicação do método de leitura proposto por Arthur Joviano, a Secretaria do Interior elaborou duas lições, que ensinavam como praticá-lo e que foram distribuídas a todos os professores do Estado. O livro trazia, também, um prefácio, que Firmino Costa aconselhava que fosse lido com muita atenção pelos professores.

Com a circulação do livro de Joviano, algumas obras continuaram sendo distribuídas, como o *Novo Segundo Livro de Leitura*, de Hilário Ribeiro; *Amiguinhos de Nhonhô*, de Menezes Vieira; e o *Livro de Leitura*, de Bilac e Bomfim. Muitas obras foram acrescentadas, como: *1º Livro de Leituras Moraes e Instrutivas*, de João Kopke; *História de nossa terra*, de

Julia Lopes; *Contos pátrios*, de Olavo Bilac e Coelho Netto; *Cultura dos campos*, de Assis Brasil; e *Leitura Manuscrita e Lições Coligidas*, de BPR, publicado pela Editora Francisco Alves. Quatro livros foram retirados de circulação: *A Cartilha Nacional*, de Hilário Ribeiro; *Festas Nacionais*, de Rodrigo Octavio; *História do Brasil (pequena)*, de João Ribeiro; e o *Segundo Livro de Leitura*, de Maria Guilherminaⁱⁱⁱ. A distribuição de livros pode ser vista no quadro seguinte:

Quadro 2 - Mudança dos livros didáticos no ano de 1908

Escola	Nome do Livro	Autor	Semestre a ser utilizado
1.º ANO	Primeira Leitura	Arthur Joviano	Até o 3º Trimestre
	Livro de Leitura	Hilário Ribeiro	Do 3º ao 4º trimestre
2.º ANO	O Amiguinho de Nhonhô	Menezes Vieira	1º Semestre
	Ou		
	1º Livro de Leituras moraes e instrutivas	João Kolpe	1º Semestre
	História de nossa terra	Julia Lopes	2º Semestre
3.º ANO	Contos pátrios	Olavo Bilac e Coelho Netto	1º Semestre
	E		
	Leitura Manuscrita Lições Coligidas	B.P.R.	2º Semestre
4.º ANO	Livro de Leitura Curso Complementar	Olavo Bilac e Manoel Bomfim	1º e 2º Semestre
	E		
	Cultura dos campos	Assis Brasil	1º e 2º Semestre

Fonte: VIDA ESCOLAR (p. 4, 15 ago. 1908).

Para o ensino de leitura, o livro de Joviano baseava-se no *método de palavração*, adotado pelo Programa do Ensino Público Primário Mineiro, que estabelecia que “seria de grande vantagem que os srs. professores adoptassem, desde logo, este methodo, de preferência ao de syllabação e soletração. Este último deverão abolir em absoluto, por ser hoje universalmente condemnado, no ensino moderno” (MINAS GERAES, 1907, p. 5).

O método de palavração também fora implementado no Estado de São Paulo no final do século XIX, representando, para Souza, grande inovação no ensino, que se propunha moderno, em contraste com os das escolas de primeiras letras do período Imperial:

O método da palavração fazia parte dos métodos analíticos do ensino da leitura, considerados mais modernos e racionais. Tais métodos partiam da palavra para a decomposição analítica de suas partes ou elementos – sílabas e letras. Invertia, portanto, os pressupostos do método lógico – usado desde a Antiguidade e que se baseava na lógica do pensamento adulto, isto é, partia dos elementos da palavra para reconstituí-la pela via da síntese (os métodos com base na soletração – as letras do alfabeto, o método fonético e a silabação). Os métodos analíticos acompanhavam as premissas do método intuitivo, partindo do concreto para o abstrato e seguindo a sequência lógica do pensamento infantil. Nesse caso, a palavra era mais significativa e concreta para a criança (SOUZA, 1998, p. 194).

Para a escrita, nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, tinha-se conhecimento de uma variedade de formas, desde a *caligrafia vertical* – vulgarmente conhecido como *letra em pé* – ao *modelo caligráfico inclinado* ou um tipo *redondo vertical*. No método de escrita, o Programa do Ensino Primário de Minas Gerais adotou o estilo vertical redondo, que tinha, também, uma ligação com o método analítico, propondo que os alunos não ficassem entregues a si mesmos ao traçarem as primeiras letras, mas que tivessem, com a ajuda do professor, a posição certa e a mão educada de como pegar a pena e manejá-la, de acordo com o tipo de letra adotado. O programa também não dava preferência ao processo de sentencição, pelo qual se ia direto ao traçado das letras na composição das palavras (TAMBARA; PERES, 2003), mas prescrevia primeiramente a “copia, a lápis ou em ardósia, dos modelos de linhas e letras manuscriptas minúsculas, em formato grande, de estilo vertical redondo” (MINAS GERAES, 1907, p. 5).

A simultaneidade do ensino da leitura e da escrita já vinha acontecendo desde os últimos anos do Setecentos e dos primeiros do Oitocentos, quando foi adotado o método mútuo ou lancasteriano nas escolas públicas de primeiras letras do Império. O Programa do Ensino Público Primário mineiro prescrevia que, no primeiro semestre, ao ensinar os alunos a escrever, eles usariam “ardosias ou lápis e papel, em vez de penna” (MINAS GERAES, 1907, p. 6), com o objetivo de vencerem melhor as dificuldades mecânicas da primeira aprendizagem. Vidal e Esteves (2003), em artigo publicado no livro *Livros Escolares e Ensino da Leitura e da Escrita no Brasil (séculos XIX-XX)*, ao analisarem leitura e escrita, já ensinadas às crianças desde seu ingresso na escola, concedem às materialidades utilizadas para o treino da escrita – areia, ardósia, lápis e papel – por meio do erro e correção. Ponderadamente, o Programa de Minas

Gerais para as escolas públicas apresentou somente o uso do lápis, que poderia ser apagado e corrigido, incentivando *o ciclo reiterado do exercício*.

Depois desta contextualização dos métodos adotados pelo programa e acompanhado as mudanças pedagógicas ocorridas com a reforma do ensino primário de 1906, analisa-se como foi o desenvolvimento e aplicação desses métodos no Grupo Escolar de Lavras, sob a direção de Firmino da Costa Pereira.

COMO LEITORES NASCEMOS PARA A VIDA INTELECTIVA: ENSINANDO A LER

Desenvolvendo primeiramente o método aplicado ao ensino da leitura, as primeiras análises encontradas a respeito foram registradas por Firmino Costa, em seu primeiro relatório, de 29 de janeiro de 1908. O diretor, percebendo os resultados no emprego do método da palavração com os alunos da oitava escola, relatou:

O methodo de palavração, que o programma adoptou para o ensino de leitura, deu aqui admiráveis resultados [...]. [...] Em pouco mais de um semestre elles lêem correntemente e entendem qualquer trecho da *Cartilha* de Hilario, e com grande facilidade entraram a ler a *Primeira Leitura* de Joviano (VIDA ESCOLAR, p. 4, 1º abr. 1908).

Para Firmino Costa, o método tornava-se válido por não ter pressa em ensinar a ler, exigindo, primeiramente, que o aluno fizesse uma leitura “por cima”, conhecendo “o vocabulo escripto por inteiro”, do jeito que sabia ler e que lhe era familiar a pronúncia: “Em tal caso, a palavra escripta deverá despertar no menino, grande interesse como representação da palavra falada, que é sua conhecida antiga” (VIDA ESCOLAR, p. 4, 1º abr. 1908, *passim*).

Investindo nas condições físicas e pedagógicas do bem-estar infantil e escolarização das crianças, alguns títulos de livros eram indicados pela Secretaria do Interior para compor a biblioteca infantil do 4º ano. Já naquela época encontrava-se a produção de modelos de livros escolares para um público específico. Na escolha dos livros de leitura, Firmino Costa era bastante crítico, procurando selecionar o que considerava melhor, independentemente do prestígio nacional dos respectivos autores. Escreveu no relatório de 1909:

Em vez do livro de leitura, de Bilac e Bonfim, impróprio para o curso primário, sejam preferidos para o quarto ano *A horta de Tomé*, de Mota Prego é um dos melhores livros de leitura para crianças, que eu conheço; é bastante lê-lo para ficar-se encantado com o seu estilo, com a sua narração, com os seus elevados conhecimentos, deixando-nos ele uma impressão agradabilíssima e inspirando-nos um intenso entusiasmo pelo cultivo da terra. O livrinho das aves vale principalmente pelo assunto, tratado de modo carinhoso pelo seu ilustre autor
(FOLHA DE LAVRAS, 16, 23 e 30 de janeiro de 1910, p. 1-2).

Até mesmo o *Livro de Leitura*, de Arthur Joviano, antes elogiado por Firmino Costa, foi por ele analisado e criticado nesse mesmo relatório:

Quanto aos livros primarios adoptados, julgo que alguns delles não são dos mais apropriados a seu fim. A *Primeira Leitura*, por exemplo, do emerito professor Sr. Arthur Joviano, é um livro por demais compacto, sem attractivo e cheio de phrases exquisitas. A *Cartilha Analytica* do sr. Arnaldo Barreto, ultimamente publicada parece-me deve ser preferida á *Primeira Leitura* (Relatório ao Secretário do Interior, 1909, s.p.).

Firmino Costa, no relatório de 1912, propondo à Secretaria do Interior a construção de objetivos para um *plano do guia pedagógico*, indicou as *matérias* do programa, escrevendo especificamente sobre cada uma delas. Iniciando novamente sobre o ensino de leitura e considerando a existência de instruções úteis para a elaboração do *guia pedagógico*, o diretor via a necessidade de *estabelecer com precisão e clareza* os graus de leitura para cada ano do curso primário, citando o psicólogo Alfred Binet como inspirador de sua ideia.

Para a criação do hábito e gosto pela leitura nos alunos, deveria haver uma boa seleção de livros de leitura, de onde surge a importância que o diretor dava à introdução de jornais e revistas na escola, resumindo, em 1916, em seu nono relatório, instruções para a aplicação do método intuitivo no ensino da leitura, unindo observação e experiência.

Em alguns relatórios dos inspetores escolares pode-se depreender como os professores do Grupo Escolar estariam colocando em prática toda essas orientações que Firmino Costa dava para o ensino da leitura. Tome-se como exemplo o relatório do inspetor Antônio Baptista dos Santos, de março de 1910, no qual é citada Anna Augusta de Alvarenga, professora estagiária da primeira classe do primeiro ano masculino, constituída de crianças de 7 a 9 anos de idade:

Agradaram-me, sobre maneira, todas as lições que presenciei, notoriamente os primeiros exercícios da primeira leitura intuitiva, expostas no quadro negro e formados de vocabulos que eram estudados pelas crianças, em sentenças curtas, variando-se a sua forma e o seu emprego. Essas sentenças eram formadas com o auxilio dos discentes, que, neste trabalho alternado, executado em commum com sua preceptora, mostravam grande satisfação (SECRETARIA DO INTERIOR, (SI) 3346, 1910, s.p.).

Percebe-se a presença de vocábulos estudados pelas crianças presentes em seu cotidiano e a formulação de frases com a participação dos alunos, com a mediação da professora, em sua forma correta de escrevê-las, indicando a aplicação do método intuitivo baseado na experiência e observação.

Em outra turma do sexo masculino, mas do 2º ano, cuja professora era Dona Ignez Cavazza, o inspetor Antonio Baptista dos Sanctos escreveu a seguinte observação em seu relatório:

Entre outras, agradaram-me particularmente as lições de leitura intuitiva, que seguem com justesa as normas prescriptas pelo regimento interno, em seu artigo 34. Os textos, depois de lidos e claramente explicados pela professora, são reproduzidos pelas crianças com expressão e naturalidade (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3346, 1910, s.p.).

Citando o Regimento Interno dos Grupos Escolares e Escolas Isoladas, o inspetor queria mostrar que, além de estar por dentro das normas de ensino prescritas pelo governo às escolas estaduais, pela sua fiscalização, comprovava o cumprimento do regimento no Grupo Escolar de Lavras, que determinava o seguinte, no artigo 34:

Nas lições de *leitura*, a qualquer das classes, o professor deverá ler, previamente, o trecho dado, em voz alta e com expressão, de modo a ser bem ouvido por todos os alumnos, que o imitarão repetindo a mesma leitura. Paragrapho único. As primeiras lições desta disciplina não serão dadas exclusivamente por compendio: deverão ser, quanto possível, ministrada no quadro negro em letra impressa e manuscrita com variados exercícios (SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3346, 1910, s.p.). (GRIFOS NOSSOS).

Vê-se, portanto, que a professora teria assimilado bem o método intuitivo preconizado para o ensino da Leitura, e que até extrapolou o que recomenda o regulamento, chegando a explicar para os alunos o que havia lido.

Firmino Costa considerava o método intuitivo como o *âmago* do ensino primário, “a mais geral e a mais certa das aplicações da pedagogia experimental á didactica” (COSTA, 1913, p. 45) e percebeu que as *matérias*, variadas e diferentes, exigiam “um saber de experiências feito” (COSTA, 1913, p. 45).

A aplicação do método intuitivo tinha muita importância nos trabalhos escolares dos professores, pois garantiria a vivacidade infantil, não podando a espontaneidade própria da idade. Para esse objetivo, deveriam voltar-se aos livros infantis, para os quais Firmino Costa dedicou um artigo em seu livro *O Ensino Popular*, publicado em 1913. O livro infantil deveria ser de acordo com a inteligência infantil, sem “prefácios, anotações, dedicatórias, pareceres, explicações” (COSTA, 1913, p. 45), tendo um contexto e forma próprios para as crianças.

Para ele, o livro infantil deveria apresentar-se como um artigo de propaganda, atraindo “o pequeno freguez da escola” (COSTA, 1913, p. 45) a fazer uma passagem “suave dos brinquedos de criança para o primeiro trabalho serio de sua vida” (COSTA, 1913, p. 45). Acrescentou Firmino Costa, fazendo uma análise das obras infantis então existentes, que ainda não tinham a qualidade que deveriam ter: “[...] É que não bastam as altas qualidades litterarias para fazer taes obras: acima desses dotes deve estar um profundo conhecimento da alma do menino, deve pairar um intenso amor á instrucção primaria” (COSTA, 1913, p. 45).

Para um público específico, livros próprios, escritos e trabalhados de acordo com a idade. Os livros infantis para a instrução primária tinham como objetivo ensinar a ler, sendo inadequado utilizar outros livros de outras matérias com esse objetivo. Com esse pensamento, Firmino Costa considerava indispensável, a um bom livro infantil, “a variedade do assumpto e a do genero litterario” (COSTA, 1913, p. 45), usando de clareza, brevidade, elegância no estilo e simplicidade, o que não estava presente nos livros infantis adotados pelo programa. “Os livros presentemente adoptados não abonam sua preferênciã, não se adaptam, alguns delles, ao nosso meio escolar, não guardam uma seriação necessaria, não têm o poder de deixar gravado no espirito da creança o signal de sua passagem” (COSTA, 1913, p. 45).

Concluindo, o diretor considerava importante escolher os livros para auxiliar o ensino da leitura no ensino primário, e não com outros objetivos particulares.

A esses comentários sobre o ensino da leitura no Grupo Escolar de Lavras, seguem-se observações sobre a Escrita e o ensino da Língua Pátria, na tentativa de perceber se houve uma ligação entre essas três *matérias* de ensino propostas pelo programa e como elas foram

registradas na fiscalização dos inspetores escolares, atentos a uma possível defasagem ou avanço com relação ao programa oficial e à realidade do que se ensinava no referido Grupo Escolar.

A REPRESENTAÇÃO DA PALAVRA FALADA

No boletim *Vida Escolar*, de 15 de janeiro de 1908, Firmino Costa, recordando que transcorreram oito meses de instalação do Grupo Escolar, já começava a perceber, entre os alunos, os primeiros resultados de aprendizado:

Até agora o menino, dado como *prompto* na escola pública, pouco excedia nos seus conhecimentos ao saber assignar o nome, em letra garranchosa, de sorte a poder qualificar-se eleitor. Tirante disso quase mais nada: cacarejar uma leitura, escrever ao lojeiro um bilhete ou uma *informação ao doutor* era tarefa sempre difícil (VIDA ESCOLAR, p. 1, 15 jan. 1908).

Assinar o nome e escrever um bilhete com letra bonita foram avanços observados, também por Firmino Costa, em seu primeiro relatório de 29 de janeiro de 1908, que escreveu sobre a caligrafia dos alunos:

O programma tem razão de considerar fácil, rápido, econômico e hygienico o typo de letra vertical. Não só taes qualidades elle mostrou possuir, como também a de dar geralmente aos que vieram traçar aqui os primeiros caracteres alphabeticos uma calligraphia mais bonita e intelligivel do que a que tinham ou alcançaram os alumnos acostumados á letra inclinada (VIDA ESCOLAR, p. 4, 1º abr. 1908).

Em novembro de 1910, em uma exposição de trabalhos escolares, o diretor utilizou os cadernos de escrita dos alunos como uma prova de que o programa estava sendo realizado e surtindo efeitos.

Para melhor aplicação das prescrições apresentadas pelo programa de ensino, Firmino Costa apresentou, em seu livro *O Ensino Popular*, um artigo denominado *Aula de escripta*, com 38 normas de procedimento e noções básicas para o ensino da escrita. Elaborados para os alunos iniciantes, recém-chegados à escola, os itens voltavam-se para o manuseio e o cuidado com os materiais que circundavam o universo da escrita: o método, higiene, tinta, lápis, caneta, pena, mata-borrão, limpa-penas, régua, caderno e canivete.

Em inspeção realizada no Grupo Escolar de Lavras, em 15 de fevereiro de 1916, Cândido Prado, lembrando que o método de ensino adotado para o ensino da escrita continuava sendo o da *letra vertical*, registrou sua insatisfação ao observar que os professores não seguiam os *preceitos regulamentares* referentes à postura do aluno no ato da escrita.

Para o ensino da escrita, havia preocupação com a postura do aluno. Aplicavam-se preceitos higiênicos e ortopédicos que permitissem ao aluno ter uma bela letra, com uma economia da escrita, originando, assim, um cuidado meticuloso que, para Souza (1998), estava representado na posição do aluno em sentar-se na cadeira, associando escrita e tecnologia:

Economia do corpo e do ato. A escolarização da escrita alia-se à tecnologia disciplinar. O que escrever e como fazê-lo exigem um sofisticado treinamento seguindo minuciosas orientações e regras normativas. A escola primária, lugar onde se aprende a escrever, sujeita o ensino e a aprendizagem da escrita a uma forma peculiarmente escolar (SOUZA, 1998, p. 199).

Encobrendo uma correção da escrita, o ensino da Língua Pátria exigia, do professor, cuidado especial. Com esse esmero é que foram estruturadas as aulas de Língua Pátria, conciliando escrita e leitura concomitantemente.

A PALAVRA TEM O SEU VALOR EM EXPRESSAR IDEIAS E PENSAMENTOS” – O ENSINO DA LÍNGUA PÁTRIA

No discurso de inauguração pronunciado no dia 7 de maio de 1907, Firmino Costa já previa o que seria o ensino da Língua Pátria e sua importância no cenário nacional:

No Grupo Escolar será ensinada com esmero a língua pátria, esta língua portuguesa falada em todo o nosso país, onde ela se tem enriquecido do modo admirável, onde tem ganho importância considerável, onde revive, mais pujante do que nunca, em uma literatura cheia de primores e seduções (VIDA ESCOLAR, p. 3, 15 maio 1907).

No relatório de 29 de janeiro de 1908, Firmino Costa relatou que, pelas suas observações, considerava o ensino da língua portuguesa o mais difícil de ser ensinado às crianças, pois requeria, do professor, conhecimento do vocabulário popular de seus alunos, e habilidade em fazer com que eles participassem das aulas, falando sem embaraço, tornando-as mais interessantes, para nelas tomarem “parte activa, oferecendo-se desta maneira

freqüentes ocasiões de corrigir suas expressões incorrectas ou impróprias” (VIDA ESCOLAR, p. 4, 1º abr. 1908).

A parte do Programa de Ensino referente ao ensino da Língua Pátria parece ter sido organizada por Arthur Joviano, pois o diretor, ao expor a necessidade da elaboração de um compêndio como auxílio para ensinar essa disciplina, escreveu: “Assim o programma do grupo, como também o da Escola Normal, nessa parte habilmente ornganizado pelo sr. Arthur Joviano, auxiliam muito o trabalho do professor [...]” (VIDA ESCOLAR, p. 4, 1º abr. 1908). Poder-se-ia ter como certa esta informação, caso a referência a *grupo* e à *escola normal* não estivesse no singular. Percebe-se que o Programa, ao referir-se ao ensino da Língua Pátria – separando-o da escrita e da leitura – dava maior status a essa *matéria*.

O pensamento do professor Jacintho de Almeida, que escreveu realçando o ensino da Língua Pátria, estava de acordo com o que pregava o programa: “É sabido como deve esta matéria ocupar lugar proeminente nas escolas” (VIDA ESCOLAR, p. 3, 15 maio 1908). Preocupado com o ensino prático dessa disciplina a alunos que não sabiam fazer uma composição escrita ou oral, o professor Jacintho de Almeida procurava, em suas aulas, apresentar-lhes uma matéria atraente e fácil, ao mesmo tempo em que questionava e refletia qual seria o método mais apropriado para tal empreendimento:

E quaes os meios de se obter isso? Começando pelas enumerações? Pelas descripções? Creio que não. O primeiro destes generos de composição é arido e pobre, pauperrimo mesmo; o segundo si bem seja rico para os que já sabem manejar a lingua, não o é, entretanto, para meninos que entram a dar os primeiros passos nas composições oraes ou escriptas. Para descrever um objecto, é indispensavel que o espirito de observação já esteja mais ou menos desenvolvido, que já se saiba descobrir detalhes pouco apreciaveis, o que não se dá com a criança, cujo cerebro, alem do mais, não tem ainda completo desenvolvimento. Portanto quero crer que sejam preferiveis, para os principiantes, as narrações a quaesquer outros generos de escriptos (VIDA ESCOLAR, p. 3, 15 maio 1908).

Aproveitando o gosto que os alunos tinham em narrar o que viram ou ouviram falar, o professor Jacintho ensinava-lhes, então, noções de escrita, mandando ao quadro um aluno que tivesse mais facilidade para escrever, para fazer uma composição sobre determinado assunto, corrigindo-a ao final: “Deste modo todos os alumnos apprehendem a maneira por que devem desenvolver o thema indicado, tendo eu com isto conseguido

exercícios daquelles que a principio sentiam as maiores difficuldades em executar essa parte pratica do programma, talvez a mais importantes de todas” (COSTA, 1908, p. 3 – BVE/03).

Esta técnica implicava, para o professor, economia de tempo, pois o texto era corrigido à vista de todos, e não individualmente. Era feito no quadro, o que facilitava a fixação da aprendizagem, e não desanimava o aluno diante de tanto erros que cometia por ainda não saber fazer uma composição.

A maneira de ensinar, além de basear-se no método intuitivo, estava totalmente de acordo com o que prescrevia o programa para o ensino da *Lingua Pátria*:

II. Para a pratica de composições e redacção, habituem-se os alumnos a observar bem o que vêm; narrar a principio, depois reproduzir por escripto tudo que lhes passou pelos olhos, exigindo-se que as phrases sejam simples, as sentenças curtas, com o emprego freqüente do ponto final, nos primeiros exercícios.

III. É preferível que os vocábulos invariáveis, as fórmulas grammaticais e até a conjugação dos verbos sejam aprendidos com exercícios no quadro negro.

IV. As regras grammaticas serão deduzidas dos exercícios, nunca aprendidas de cor sem terem sido antes applicadas (MINAS GERAES, 1907, p. 7).

Firmino Costa, ciente de que o Programa de Ensino considerava o ensino da Língua Pátria a disciplina que mais exigia zelo e atenção dos professores, pois envolvia o desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita e fala, recomendava aos professores a não se prenderem somente em ensinar a ler, mas fazer com que os alunos criassem o hábito da leitura, que seria a garantia de conservação dos conhecimentos adquiridos na escola e a justificativa de certas práticas nessa disciplina: “Dahi o maximo escrupulo na escolha dos livros de leitura, dahi a introdução de jornaes e revistas na escola para serem lidos pelos alumnos. O escolar de hoje muito lucrará em ser mais tarde assignante de jornal” (COSTA, 1913, p. 20).

O diretor via uma ligação entre o ensino da Língua Portuguesa, a escrita e a leitura. O Programa de Ensino aceitava parcialmente esta relação, pois prescrevia que o ensino da escrita deveria, *quanto possível*, acompanhar as aulas de leitura. Portanto, Firmino Costa orientava os professores para que “o texto da leitura, sempre bem compreendido, [fosse] o mesmo da copia ou do dictado, o mesmo para a observação, deducção e emprego das regras grammaticas, expostas em seguida numa formula simples, curta e clara” (COSTA, 1913, p. 20).

Ele apresentou a tríade ler, escrever e falar como a expressão dos ideais republicanos, vendo, na língua portuguesa, um laço forte de união no extenso território como o do Brasil: “Ler, escrever e falar bem a nossa língua é, além do mais, cultivar o sentimento patriótico, fortalecer o espírito nacional, facilitar a assimilação do estrangeiro. A leitura, a escripta e a língua pátria constituem na escola um ensino fundamental e por isso mesmo com direito a uma extremada solicitude” (MINAS GERAES, 1907, 31 Jan. 1915, p. 8).

Nesse mesmo relatório, o diretor registrou o que o Grupo Escolar havia conseguido avançar em novas estruturas e meios para o ensino da Língua Portuguesa: “Além de não se deixar que faltassem para os alumnos livros de leitura e utensilios de escripta, regularizou-se a frequencia á Bibliotheca Infantil ‘Custodio de Souza Pinto’, e fez-se um programma para os exercicios de composição” (MINAS GERAES, 31 jan. 1915, p. 8).

O programa de exercícios de composição a que Firmino Costa se referiu no relatório de 1915 foi encontrado impresso no seu livro *O Ensino Popular*, e reimpresso em outro livro de sua autoria, intitulado *O Ensino Primário*, em 1921, não se compreendendo a causa de ele ter sido citado pelo diretor somente depois de dois anos de sua publicação.

Passados cinco anos, com os *Exercícios de composição*, Firmino Costa apresentava um método estruturado e norteado nas Lições de Coisas que, para ele, deveria entrar para o horário escolar com aula especial:

Estes exercícos constituem a parte principal do ensino da língua pátria. Desde o inicio do curso primário os alumnos se exercitarão nas composições oraes até que no segundo semestre do segundo anno possam aprender os trabalhos de redacção. Como ensinar aos pequenos, no referido semestre, a exprimir pela escripta os seus pensamentos? (COSTA, 1913, p. 52).

A primeira lição consistia em escolher um assunto conhecido por toda a classe e que estivesse à vista dos alunos. Os assuntos deveriam ajudar no desenvolvimento dos alunos, e alguns foram propostos por ele: “[...] a sala de aula, a bandeira nacional, descrição de uma gravura, o pateo de recreio, um brinquedo, uma rua da localidade da escola, animaes conhecidos, reproducção de uma historia do livro de leitura, narração de um passeio dado com o professor” (COSTA, 1913, p. 52). Escolhido o assunto, viria a parte em que seria utilizado o método interrogativo.

Já na segunda lição, o professor, aproveitando a descrição feita pelos alunos da sala de aula, escreveria o que eles diziam no quadro-negro, para ser utilizado como um exercício de escrita, quando seria mostrada a ortografia das palavras que se empregaram na escrita e que deveriam constar na descrição.

Nas lições seguintes, alguns alunos seriam escolhidos para ir ao quadro e escrever suas descrições sobre a sala de aula, e os demais fariam a correção. Depois dessa série de exercícios, tudo seria anotado no caderno para ser cobrado no exame mensal.

Para Firmino Costa, o ensino da escrita deveria ser gradual, para que os alunos entendessem bem a composição das palavras e frases. Utilizando esse processo, ele esperava que os alunos fossem compreendendo “pouco a pouco a elaboração de um trabalho escripto, [procurando] observar os assumptos propostos pelo mestre e [tomando] gosto pelos exercícios de redacção” (COSTA, 1913, p. 51). Sem essa dinâmica, o diretor considerava o ensino da Língua Portuguesa improvisado, sem profundidade, difícil, e o tempo gasto em ensinar de outra maneira seria em vão, pois somente cansaria o aluno e não o ensinaria “a ver, a pensar, a redigir” (COSTA, 1913, p. 52).

Por essa técnica, os professores não deveriam se preocupar em ensinar questões de gênero e, tampouco, enumerações, descrições ou narrações, deixando o aluno “senhor do assunto”, e sim vencer as dificuldades aos poucos, pois acreditava Firmino Costa que pelo êxito alcançado se fortalecia “o espírito para maiores conquistas” (COSTA, 1913, p. 51).

Depois da escrita das composições ou redações recolhidas pelo professor, elas deveriam ser corrigidas em casa:

Deverá ler todas as escriptas, notando os erros e escrevendo as correcções com tinta de outra cor, vermelha, por exemplo, para tornal-as mais visíveis. Feito esse trabalho, o professor registrará em um caderno de seu uso as emendas, e depois, na aula, entregará aos alumnos as composições, a fim de que elles acompanhem a explicação que vae dar. Erros de orthographia, estes e aquelles, palavras que se escrevem conforme passa a fazel-o no quadro negro, onde as conservará à vista dos alumnos por mais de um dia; erros de construcção, erros de observação, taes e taes, indicando oralmente como corrigil-os (COSTA, 1913, p. 51).

Nas instruções para o *exercício de composição*, Firmino Costa evocou o professor para o cumprimento de um trabalho cuidadoso e útil, para que os alunos do Grupo Escolar de

Lavras concluíssem o Ensino Primário sabendo escrever uma carta correta. Acreditava o diretor que somente poderiam conseguir por meio dos *exercícios de composição*.

Considerações finais

O Programa de Ensino para o ensino primário público do Estado de Minas Gerais, prescrito a partir do ano de 1907, apresentou, na época, o que havia de mais moderno e eficiente para a alfabetização.

Há pouquíssimas fontes que relatam a prática desse Programa de Ensino para a alfabetização realizada nos grupos escolares. O Grupo Escolar de Lavras apresenta dados importantíssimos na recuperação histórica e metodológica de como o prescrito foi apropriado e alterado, indo além do que foi normatizado.

Pode-se afirmar que, pelos relatos do diretor Firmino da Costa Pereira, a prática do Programa de Ensino, no que se refere à alfabetização, foi além do prescrito, inaugurando métodos e técnicas inovadoras para a época.

As reformas educacionais que culminaram com o advento dos Grupos Escolares no Brasil impulsionaram a construção de toda uma materialidade voltada para a alfabetização, principalmente aquelas constituídas como *livros didáticos*.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Firmino. *Vida Escolar*. V. 1, mai. 1907.
- _____, Firmino. *Vida Escolar*. V. 3. jan./abr/mai. 1908.
- _____, Firmino. *Vida Escolar*. V. 4. ago. 1908.
- _____, *O ensino popular*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1913.
- _____, *O ensino primário*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1921
- FOLHA DE LAVRAS, Lavras, 16 de jan. 1910.
- FOLHA DE LAVRAS, Lavras, 23 de jan. 1910.
- FOLHA DE LAVRAS, Lavras, 30 de jan. 1910.
- MINAS GERAES, 1906^a. **Lei n. 439**, de 28 de setembro de 1906;

_____, 1906b. **Decreto n. 1.947**, de 30 de setembro de 1906;

_____, 1906c. **Decreto n. 1.960**, de 16 de dezembro de 1906;

_____, **Programa do ensino público primário no Estado de Minas Geraes**, 1907.

_____, 1907. 31 jan. 1915.

_____, *Arquivo Público Mineiro. Relatórios dos diretores de grupos escolares. 1905/1915.*

_____, *Jornal. Belo Horizonte*, 18 jun. 1908.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

TAMBARA, Elomar; PERES, Eliane (Org.). **Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX-XX)**. In: VIDAL, Diana Gonçalves; ESTEVES, Isabel de Lourdes. *Modelos caligráficos concorrentes: as prescrições para a escrita na escola primária paulista (1910-1940)*. Pelotas: Seiva, 2003.

RECEBIDO EM 02 DE AGOSTO DE 2017.

APROVADO EM 27 DE NOVEMBRO DE 2017.

ⁱ Após 18 anos na direção do Grupo Escolar de Lavras, Firmino Costa foi convidado a ser o reitor do Internato do Ginásio Mineiro, em Barbacena, em 1925. Após um curto prazo de tempo, ele tornou-se diretor técnico do Curso de Aplicação da Escola Normal de Belo Horizonte, no governo de Antônio Carlos, assumindo, em seguida, a direção da Escola Normal de Belo Horizonte. Ele faleceu em julho de 1939, com 70 anos de idade, deixando 12 livros publicados pela Cia. Editora Melhoramentos de São Paulo, e suas obras alcançaram o cenário nacional brasileiro, e publicações, também na Revista de Ensino. Firmino da Costa Pereira pode ser considerado um importante intelectual educacional brasileiro e um expoente do movimento da Escola Nova no Brasil.

ⁱⁱ Conseguiu-se, por meio desta pesquisa, várias informações com títulos de livros que foram adotados: "Historia Natural, Physica e Hygiene, do dr. Josaphat Bello e a Geographia de Minas, do professor Francisco Lentz" (Cf. *Jornal MINAS GERAES*, 18 de junho de 1908, p. 2). Outra listagem de 1910 apresentou uma mudança significativa nos títulos e autores, com livros específicos para o ensino de geografia, história e civismo: *Cartilhas Analíticas; Segundo livro* de Thomaz Galhardo; *Segundo e Terceiro livro* de Francisco Vianna; *Histórias da Terra Mineira*, de Carlos Góes; *Pátria Brasileira*, de Olavo Bilac; *Contos Moraes e Cívicos do Brasil*, de Carlos Góes (Cf. SECRETARIA DO INTERIOR, SI 3943). Podemos concluir, a partir destes dados, que a escolha de livros didáticos foi sendo construída ao longo dos anos.

ⁱⁱⁱ O livro de leitura de Maria Guilhermina destacava-se, na época, por ter sido sua autora professora em um Grupo Escolar de São Paulo. Outros autores também seguiram o mesmo percurso de publicação, aproveitando a experiência que adquiriram na prática docente nas escolas paulistas, e foram aproveitados pelo Programa no Estado de Minas Gerais, pois escreveram obras importantes para a época: João Kolpe, Julia Lopes, João de Deus, Arnaldo Barreto, Thomaz Galhardo, João e Hilário Ribeiro (Cf. SOUZA, 1998, p. 231-234).